



LEWIS CARROLL

Alice

NO PAÍS DAS
MARAVILHAS



ALICE NO
País das Maravilhas

LEWIS CARROLL

ADAPTAÇÃO DE
CAMILLE MENDROT & ANA PAULA CORRADINI





Capítulo 1

Na TOCA DO COELHO

Alice estava achando meio chato ficar ali, sentada com sua irmã ao ar livre, sem nada para fazer. Enquanto sua irmã lia um livro beem sem graça, na opinião de Alice, ela ficou só olhando para umas margaridas, viajando nos pensamentos e curtindo uma preguiça.

Mas, de repente, um coelho passou correndo por ela. Bom... não tinha nada de **MUITO** incrível nisso. Alice também não achou nada de mais quando ouviu o Coelho dizer:

– Ah, não! Estou atrasado! Estou atrasado!





Mas foi justo nesse instante que ele tirou um relógio do bolso do colete para ver que horas eram.

“Peraí!”, Alice pensou, “eu nunca vi um coelho de colete, muito menos checando as horas em um relógio!”

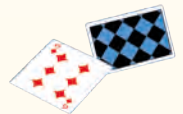
Então, ela não perdeu tempo e saiu em disparada atrás dele! Toda curiosa, conseguiu ver bem o momento em que ele pulou pra dentro de uma toca de coelho. Alice

não ficou para trás, foi correndo por aquele túnel e quando percebeu...

– Aaaaaaaaaaaaaah!

... quando percebeu já era tarde demais, estava despencando em queda livre. Talvez o poço fosse muito fundo, ou ela estivesse caindo em câmera lenta. Mas a verdade é que ela teve muito tempo pra pensar durante a queda:

“Onde será que vou parar? Nossa! Como é escuro lá embaixo! Um poço





cheio de armários de cozinha e estantes de livros? Com mapas e quadros também!? E este pote? Geleia de laranja! Hmmmm... Vazio!?! Melhor guardar nessa prateleira aqui! Depois dessa queda, nunca mais vou ter medinho de rolar as escadas de casa! Não mesmo! Todo mundo vai me achar muito corajosa. Mesmo que eu despenque do telhado!”

Alice continuou caindo. E caindo. E caindo mais um pouco. E continuou pensando. E pensando. E pensando mais um pouco. Aquilo nunca tinha fim!

“Quantos quilômetros será que eu já caí? Será que vou parar no centro da Terra? Não! Acho que vou chegar do outro lado da Terra! No Japão? Ou será na China? E será que eles vão estar todos de cabeça pra baixo!?”

Como a queda não acabava e como não tinha nada melhor o que fazer, Alice resolveu bater mais um papo consigo mesma:

“Ai, a Diná vai sentir tanto a minha falta! Coitada da minha gatinha. Será que eles vão lembrar de dar leite pra ela? Dináááá, queria que você estivesse caindo aqui comigo! Só que não tem ratos aqui no ar, né? Você ia ter que caçar um morcego. Mas será que gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos. Gatos comem morcegos? Morcegos comem gatos?”





Para Alice, aquilo já estava com jeito de sonho. E resolveu perguntar à própria gatinha:

– Diná, me conta aí, você já comeu um morcego?

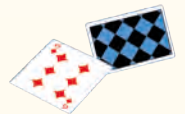
E, de repente: *tum, tum*. Alice finalmente caiu... numa pilha de folhas e galhos.

De um pulo só ela ficou de pé e foi logo dando uma olhada pra cima. Estava uma escuridão só! Mas ali à frente tinha um caminho e quem ia correndo por ele? O Coelho Branco! Alice apertou o passo a tempo de ouvi-lo dizer, enquanto fazia uma curva:

– Pelas minhas orelhas e meus bigodes, como estou atrasado!

Alice estava atrás dele, mas, assim que fez a curva, perdeu o coelho de vista.

E foi então que percebeu que havia chegado a um corredor de teto baixo, bem comprido e todo iluminado. Ela viu portas por todo o corredor, mas estavam todas trancadas. Depois de ir de um lado ao outro tentando abri-las, Alice começou a voltar, bem desanimada.





Do nada ela viu uma mesinha de vidro com três pés. E, em cima dela, tinha apenas uma chave de ouro. De cara Alice pensou que deveria ser a chave de alguma daquelas portas. Só que as fechaduras eram muito grandes – ou a chave era muito pequena... E ela não conseguiu abrir nenhuma das portas.

Mas, dando uma olhada melhor, ela descobriu uma portinha atrás de uma cortina. TCHAM! Alice tentou e não é que a chave de ouro cabia direitinho na pequena fechadura?



Ela abriu a porta e viu uma passagem baixinha, que mais parecia um buraco de rato. Alice deu uma espiada e ficou de boca aberta ao ver o jardim mais lindo do mundo! Ah, que vontade de ver as flores e aqueles chafarizes de perto.

“Mas, mesmo se a minha cabeça passar pelo buraco, vou ficar entalada aqui”, Alice pensou.

Então, voltou para a mesa e, para a sua surpresa, viu uma garrafinha que jurava que não estava lá antes. O vidrinho misterioso tinha uma etiqueta que dizia “BEBA-ME”, mas a menina sabia que não era bem assim.





“Até parece que vou tomar esse negócio. Vai que é veneno!”, pensou.

Mas, depois de examinar a garrafa, Alice não encontrou sinal de veneno nenhum. E tomou tudo num gole só!

A bebida tinha gosto de tortadecerejaecremedebacaxieperuassadoecaramelo... ufa! E, para terminar, torrada com manteiga derretida.

Mas, mais estranho que o sabor, foi o efeito: Alice foi encolhendo, encolhendo, até ficar miudinha.

– UHÚ! Jardim, aqui vou eu e... Ué! Cadê a chave dourada?

Alice tinha esquecido a chave em cima da mesa! E, minúscula daquele jeito, nunca conseguiria escalar tão alto. Ela tentou e tentou, mas finalmente cansou. E começou a chorar.

– Buááá!

Ainda bem que o chororô não durou muito porque Alice era ótima para dar conselhos para ela mesma – como naquela vez em que tentou roubar num jogo de croqué contra si própria... e decidiu se dar uma bronca.

– Chega, né, Alice?





Ao enxugar as lágrimas, a menina notou uma caixa de vidro ao pé da mesa. E, dentro dela, um *cupcake* com uma cara muito boa, e outra etiqueta: “COMA-ME”.

“Se a bebida me fez encolher, então esse bolinho vai... me fazer crescer!”, pensou Alice.

E deu a primeira dentada.





MILK SHAKESPEARE



MILK
SHAKESPEARE

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2021